

Acidente / Acidente de trânsito – de Aristóteles à TAC¹

Accident / Traffic accident – from Aristotle to CATs

Barbara Cassin*

RESUMO

Desde Aristóteles até às Tecnologias Assistidas por Computador (TAC) trata-se ainda e sempre de uma caça à homonímia alimentada pela ânsia de univocidade, pela crença na universalidade dos conceitos. Explorando a pluralidade nas línguas e entre línguas, Barbara Cassin postula, na esteira do projeto de tradução do *Dictionnaire des intraduisibles*, uma reavaliação da homonímia e a possibilidade de passar não de palavra(s) para palavra(s), mas de uma nuvem de palavras para outras. O trabalho sofisticado da filósofa revela-se nesse fazer com palavras, com as quais é preciso lidar, caso a caso, escrupulosamente.

Palavras-chave: *Homonímia; TAC; Dictionnaire des intraduisibles.*

ABSTRACT

203

From Aristotle to Computer Assisted Technologies (CAT), theorists and practitioners of translation have been in search of homonymy, grounded on the belief that transparency and the universality of concepts were not only desirable but also possible. In exploring the multiplicity of and between languages, Barbara Cassin pursues in her project of translation, entitled *Dictionnaire des intraduisibles*, a reassessment of homonymy and the possibility of moving not from word(s) to word(s) but from one word cloud to another. The sophistication of the philosopher's work surfaces in her doing things with words, which one needs to grapple, case by case, scrupulously.

Key-words: *Homonym; CAT; Dictionary of Untranslatables.*

1 TAC – Tradução Assistida por Computador. No título em francês, D'ARISTOTE A LA TAO, a sigla TAO – Traduction Assistée par Ordinateur pode (não) ser lida à *chinesa*.

* Barbara Cassin (CNRS, Paris). Tradução de Viviane Veras

*No âmbito das pesquisas cognitivas,
damos habitualmente o título de conceitos
às palavras anglo-americanas escritas com maiúscula.*
François Rastier²

Eu poderia começar pelo relato do que me aconteceu na China, quando me pediram para explicar a noção grega de “verdade” – termo que não tem, parece, equivalente direto em chinês. O cerne de meu propósito era a conflagração aristotélica entre a relação substância/acidente e a relação sujeito/predicado, tal como se lê na primeira frase do capítulo 5 das *Categorias*. A *ousia* é aí definida no sentido primeiro do termo como “aquilo que nem é predicado de um sujeito [*kath’hupokeimenou tinos legetai*] nem inerente a um substrato [*en hupokeimenôi tini estin*]”, de modo que a mesma palavra, *hupokeimenon*, designa o sujeito-subposto na lógica e o substrato-substância na física, o “sujeito de atribuição” e o “sujeito de inerência”. O grande achado aristotélico que funda essa nova doutrina da verdade sobre a qual o Ocidente clássico está alicerçado, ao menos até Hegel, é o de propor uma estrutura análoga para o ser que se dá e para o discurso que se produz. A substância é sujeito, quer dizer, ela se define por supor, por subentender, por receber (é o mesmo verbo: *hupokeisthai*, “manter-se sob”, e está tudo aí) tanto os acidentes quanto os predicados, e por não ser ela mesma nem suportada por nada nem predicada de nada. Esse achado estrutural, uma simples analogia de dissimetria que, como sempre, se apresenta sob a forma de uma constatação e de uma evidência, garante a possibilidade de correspondência entre o ser tal como aparece e o discurso tal como se profere, e

² Dans le milieu des recherches cognitives, on donne habituellement le titre de concepts à des mots anglo-américains écrits en capitales. François Rastier, 2004, p. 16, nota 3.

é isso que se nomeará, doravante, “verdade”. No final do seminário, um estudante que havia permanecido o tempo todo com os olhos semicerrados aproximou-se e disse-me em um francês perfeito: *Madame, vous avez un traducteur assermenté, un excellent traducteur. Il traduit les mots, mais pas le sens. ‘Accident’: ‘accident de voiture’³.*

Ora, essa cena é uma das que terá regido o *Dictionnaire des intraduisibles*⁴: a exploração da sinonímia e da homonímia no espaço e no tempo.

De um lado, que *accident* e *accident de voiture* se dizem ambos em francês *accident* não tem nada de uma homonímia; em todo caso, nada da homonímia dita “acidental”, *apo tukhês*. Por certo, não se dará a mesma definição de um “acidente” e de um “acidente de trânsito”, mas os traços essenciais serão comuns: o acidente – de substância ou de trânsito – não acontece sempre nem com frequência; ele é o produto imprevisto de uma conjunção causal que o atravessa, *sum-bebêkos*. Um *accident de voiture* em francês tem tanto direito de se chamar *accident* quanto um pé de mesa ou de montanha de se chamar “pé” em português. E mesmo, ao contrário do que pretende Aristóteles, o direito de uma clavícula chamar-se *kleis*, assim como a chave de roda à qual se assemelha. O problema sobrevém quando se muda de língua. Pode acontecer de, em chinês, nenhum termo permitir ligar na expressão – nem, portanto, na concepção (e vice-versa?) – o modo como Sócrates é branco e o modo como “Sócrates” é “branco”. E não é menos plausível (não sei nada disso, mas meu aluno devia ter suas razões para rir dormindo) que nada ligue na expressão o choque de dois veículos motorizados e que isso aconteça a um sujeito em uma frase ou a uma substância na natureza. Não há *sun*, ponto comum, conjugação ou conjunção inscritos ou inscritíveis. Os significantes terão caído em dois espaços diferentes, tão desatados quanto os contextos de inscrição dos referentes. Aqui se repete, mas em dois âmbitos, a grande cena de Benveniste: a ontologia de Aristóteles como efeito da língua grega – ela mesma repetição cômico-esvaziada daquilo de que Heidegger produz a encenação trágico-mítica.

Por outro lado, quanto ao sujeito, ao sujeito do sujeito, e à sinonímia/homonímia entre os usos antigos e modernos, remeto, para uma totalização concisa (entre poucas, muito poucas línguas, *nostra culpa*), ao artigo *Sujet* redigido a seis mãos em nosso *Vocabulaire* – e à obra em andamento de Alain de Libera.

Vê-se que o diagnóstico é, sobretudo, mais *historial* do que *acidental*: o conceito não permite fazer a economia nem da genealogia nem da diferença das línguas. Aristóteles não é meu colega em Pequim.

É sobre esse pano de fundo que eu gostaria de levar adiante meu relato sobre a homonímia, a desambiguação, e sobre a acidentalidade relativa das categorias. Enquanto passava pelas mediações autorizadas do CNRS, preocupei-me em

3 “Senhora, a senhora tem um tradutor juramentado, um excelente tradutor. Ele traduz as palavras, mas não o sentido. ‘Acidente’: ‘acidente de trânsito’ ”

4 *Vocabulaire européen des philosophies. Dictionnaire des intraduisibles*, Seuil-Le Robert, 2004, em processo de tradução para o português sob a direção de Fernando Santoro, com Luisa Buarque.

saber como conseguir que a Europa subvencionasse um *Vocabulaire européen des philosophies* dirigido à tradução e a suas dificuldades, e a resposta veio com esta sentença-cortante: “A Europa só subvenciona o que concerne à tradução assistida por computador”. Passaram-se cinco anos, e talvez hoje não ousassem mais dar essa resposta. A ideia de que a tradução não se reduz ao interpretariado* tanto faz bem quanto mal seu caminho institucional. “A língua da Europa é a tradução”: Umberto Eco, talvez apócrifo, é às vezes citado por nossos ministros bem assessorados. Seja como for, tive então de me hospedar no programa *European Cultural Heritage Online* (ECHO, mas com “h” acronímico desta vez) e, quaisquer que possam ter sido os problemas conjunturais de convergência entre o ponto de vista da edição tradicional e o contrato do *free on line*, aprendi muito com os profissionais da web e da informática ligados às línguas e à cultura; em particular, durante um colóquio sobre a interoperacionalidade⁵, que concernia especialmente às “ontologias” e às ferramentas da *Ontology Web Language*, OWL. De modo geral, os profissionais asseguram que a “ontologia” é uma pura homonímia em relação ao que os filósofos chamam de “ontologia”. Ainda uma homonímia não acidental, então, pois que, em um caso como no outro, trata-se evidentemente de “sentido” e de “categoria”.

“É difícil definir de forma definitiva o que é uma ontologia”, adverte-nos a Wikipedia, *sv web sémantique: ontologie*, de 13/1/2008. “Diferente de um Vocabulário, uma ontologia busca representar o sentido dos conceitos e das relações que os ligam”. Mas quando um vocabulário é “extremamente rico” fala-se então de ontologia. O WordNet, desenvolvido pela Princeton, é *much better*, melhor ainda que a OWL. E é nele que se assenta até agora a quase totalidade dos procedimentos de tradução automática disponíveis.

As exigências tradicionais da filosofia da linguagem desde Aristóteles e as exigências técnicas da tradução informatizada se reúnem ao menos em um ponto, que determina outros e talvez determine todos os outros: a caça à homonímia, quer dizer, a exigência de univocidade semântica e sintática. Proponho esclarecer essa ânsia de univocidade comparando as duas experiências, Wordnet e VEP.

Partamos da *semantic web*. Se tomo o exemplo do *Wordnet*, constata-se que se trata: a) de reduzir tudo a um denominador comum que funcione ao mesmo tempo como metalíngua, a saber, o inglês; b) de desambiguar o inglês para fazê-lo passar ao estatuto de linguagem-pivô conceitual (passagem da palavra ao termo; depois, do termo ao conceito, por operações sucessivas de nominalização, lematização, descontextualização, constituição em tipo...). Com

5 Organizado em Lundt, em 2000, por Sven Stromquist e Peter Wittenburg a quem quero aqui agradecer.

* No português brasileiro o termo é pouco usado, mantendo-se no contexto das relações internacionais e dos negócios. *Interprétariat* remete a uma forma de tradução oral mais literal, uma mediação (no estilo mesmo do Google Tradutor), enquanto *interprétation* pressupõe uma transmissão que vá além da substituição de uma língua por outra.

efeito, é evidente que construir uma passagem partindo de qualquer língua natural para o inglês é mais econômico que construir uma passagem de cada uma das línguas para as outras, mesmo que se tenha podido aí emparelhar certos domínios de especialidade no espaço e no tempo. O inglês, uma língua natural singular entre outras, é assim transformado de modo a funcionar de saída como *globish*, e depois como *technish*, como geral e como universal. Traduzir consiste em conduzir todas as línguas naturais a uma única língua conceitual neutra, sem qualidades, autorizando como um comutador uma nova passagem a qualquer outra língua natural. Nessa perspectiva, a diferença entre as línguas naturais é acidental e redutível.

É necessário saber que essa é a perspectiva de boa parte da tradição filosófica, e que é por ela apoiada. Os pressupostos fundamentais da *semantic web* serão interpretados nos termos da história da filosofia; quer dizer, em termos de sinonímia e homonímia.

Sinonímia, porque todas as línguas são indiretamente sinônimas entre elas pela via da língua-ideia, da qual não passam de exemplares. Para retomar a metáfora do *Crátilo* de Platão, um dos mais raros textos de filosofia grega a contemplar como tal a pluralidade de línguas, as línguas são as matérias desse instrumento que é a linguagem, concebida como imitação da coisa: “Se nem todos os legisladores [aqueles que dão os nomes] operam com as mesmas sílabas, é preciso não esquecer isto: que, de fato, nem todos os ferreiros trabalham com o mesmo ferro, mesmo que fabriquem o mesmo instrumento para a mesma finalidade; no entanto, uma vez que imprimam a mesma forma, ainda que em outro ferro, o instrumento permanece adequado, quer seja fabricado aqui quer entre os Bárbaros” [*Crátilo*, 389e 1-390 a 2]⁶. Dado que o paradigma é o do instrumento, a linguagem já é um *organon*, e a diferença das línguas corresponde à dos materiais que servem para fabricá-las. Ela é de direito insignificante. Muitas palavras: muitas matérias, diferentes vestimentas que se podem mudar sem que nada mude; um único conceito: uma forma única ou “ideia” que serve para dizer corretamente o que é. A relação entre as diferentes línguas é a de sinonímia. Mas essa sinonímia não é direta. Ela só é determinável em relação à língua pivô que funciona como modelo do qual as línguas naturais são cópias. A sinonímia entre as línguas naturais é uma relação entre diferentes exemplares da língua-ideia (ou linguagem das formas, linguagem formal, como se queira) análoga à diferença entre dois referentes designados por uma mesma palavra. Há, finalmente, entre *table* e *Tisch* a mesma diferença que entre uma mesinha metálica dobrável e uma mesa de jantar em carvalho maciço: sobre as duas, em todo caso, põe-se alguma coisa, e é isso que denota o conceito ou que define a essência.

6 Si tous les législateurs [qui donnent les noms] n'opèrent pas sur les mêmes syllabes, il ne faut pas oublier ceci : qu'en effet tous les forgerons n'opèrent pas sur le même fer tout en fabriquant le même outil pour la même fin ; pourtant, tant qu'ils donnent la même forme, même si c'est dans un autre fer, l'outil reste correct, qu'on le fabrique ici ou chez les Barbares (*Cratyle*, 389 e 1-390 a 2).

Se utilizo o termo “sinonímia” para designar essa diferença, é no sentido da definição aristotélica dada no primeiro capítulo das *Categorias*, desde que a entendamos corretamente. Duas entidades não são de fato sinônimas por elas mesmas. São “sinônimos” dois itens que têm em comum a palavra que os “sinonimiza” se e somente se for possível dar uma definição única dessa palavra: desse modo, o homem e o boi são sinônimos porque são ambos animais no mesmo sentido de animal. Os exemplos aristotélicos mais imediatamente próximos de nossos usos, como “mantô” e “sobretudo”, não passam de um caso particular, assim como entimemático, abreviado ou elíptico, dessa sinonimização, na medida em que são ambos “vestimentas”, e com o mesmo sentido. Mas se fosse necessária uma definição da palavra “animal” diferente para o homem e para o boi, então se trataria de “homônimos”, como é o caso do homem e de seu retrato.⁷ Aristóteles sinonimiza, portanto, por meio da *ousia*, nesse caso genérica, e de seu *logos*, que tem a função do *eidos* platônico. É preciso, bem entendido, cotejar essa semelhança com a estratégia radicalmente antiplatônica na qual ela toma lugar: a natureza – gêneros e gerações – procede por sinonímia⁸, mas a *mimêsis* procede por homonímia, já que o modelo lhe é fornecido justamente pelo homem e seu retrato: Platão só poderá escolher entre o terceiro homem e a homonímia.

É ainda o termo “sinônimo”, e mesmo “sinonímia”, que encontramos em Humboldt para designar a diferença das línguas, cada pensamento na sua singularidade, mas todos os pensamentos, ao menos em um primeiro tempo (voltaremos a esse ponto), em relação ao conceito – a “o conceito”, seria preciso dizer. O *Fragment de monographie sur les Basques* (1822) pode servir para caracterizar nosso *Dictionnaire des intraduisibles* como um dicionário de sinônimos não interno a uma língua (os sinônimos franceses), nem entre duas línguas (dicionário francês-inglês, ou inglês-francês), mas plurilíngue, na linha do venerável *Calepinus* (*septem linguarum* para aquele que tenho em mãos, mas há outros lidando com onze ou doze línguas), no qual Humboldt não pensava: “Já observamos com frequência, e a pesquisa o confirma tão bem quanto a experiência, que, se fazemos a abstração de objetos puramente físicos, nenhuma palavra de uma língua equivale perfeitamente a uma palavra de outra. Diferentes línguas são, nesse sentido, *outras tantas sinonímias* [*ebensowiehl Synonymieen*]; cada uma delas *exprime o conceito* [*jede drückt den Begriff*] com uma diferença, com esta ou aquela conotação, um grau mais alto ou mais baixo na escala de sentimentos. *Uma tal sinonímica* [*Eine solche Synonymik*] das principais línguas, mesmo limitada (o que já seria muito apreciável) ao grego, ao latim e ao alemão, ainda não foi tentada, mesmo que dela se encontrem fragmentos em muitos escritores; no entanto, tratada com engenho, tal sinonímica se tornaria uma obra das mais fascinantes”⁹.

7 Ver o verbete “Homonyme/synonyme” no *Vocabulaire européen des philosophies*, Seuil Le Robert 2004, em particular, quadros 1 et 2. Permito-me remeter igualmente a *La Décision du sens, le livre Gamma da Métaphysique de Aristóteles*, 1989 (com M. Narcy), p. 197-201, e a *L’Effet sophistique* 1995, p. 348-353.

8 “La génération se fait par synonymie”, *De la génération des animaux*, II, 1, 735 a 2s.

9 Introduction à l’*Agamemnon* d’Eschyle [1816], GA VIII, 129s, 2000, p. 33, grifos meus.

Para traduzir “automaticamente” com o Systran – e apenas flertar com a querela dos universais – é preciso endossar a hipótese de que as línguas são sinônimas porque as palavras nas línguas são sinonimizadas pelo conceito.

Homonímia agora, porque a língua pivô que faz as vezes de linguagem conceitual ou formal deve ser a mais perfeita possível. Sua imperfeição afetaria todas as traduções. O trabalho principal consiste, então, em desambiguar a língua pivô, no caso, o inglês. Nesse ponto o WordNet retoma a tocha de Aristóteles, para quem a homonímia – semântica e sintática – constitui o mal radical da linguagem.

Compreendemos bem porque, desde que levemos a sério a série de equivalências que serve de base à demonstração do princípio da não-contradição no capítulo 4 do livro *Gamma* da *Metafísica*, falar é significar alguma coisa, uma única coisa, a mesma para si e para outrem; *sêmeinein ti*, é *sêmeinein hen*: a palavra é a primeira entidade encontrada e encontrável a satisfazer o princípio. Se alguém transgride essa condição, se fala “pelo prazer de falar” como fazem os sofistas, não diz nada, nem mesmo fala, não é mais um homem, mas uma “planta”. Depois de *Gamma*, *Delta* propõe o primeiro dicionário: ele tem por vocação desambiguar os termos-chave diferenciando claramente os sentidos múltiplos para interditar os jogos de palavras. As *Categorias* estabelecem as boas ferramentas de diferenciação, que consistem essencialmente em questões a levantar ante cada item (de que natureza, como, qual, em relação a que etc.). Enfim, *Les Réfutations sophistiques* determinam e classificam os diferentes tipos de homonímias, tanto semânticas quanto sintáticas (anfíbolias), a fim de não se deixarem cair na armadilha das falsas refutações. Para a regulação filosófica da linguagem, a homonímia é então uma doença que se pode curar, distinguindo os sentidos e inventando, se for o caso, palavras novas para permitir enunciar cada sentido separadamente, ou reformulando a sintaxe de uma frase e reordenando, se for o caso, as regras da gramática e da ordem das palavras.

Nessa perspectiva, como viremos a ver, a pluralidade das línguas é uma pluralidade sinonímica de matérias ou de vestimentas aplicadas sobre uma forma única: ela não tem em si interesse algum. Esse movimento iniciado por Platão culmina na ideia leibniziana de “característica universal”, que visa a produzir um “alfabeto de pensamentos humanos” decompondo cada conceito em “caracteres primitivos”, de modo a fornecer uma definição exaustiva, interditando qualquer ambiguidade. Em caso de controvérsia, basta “que se sentem à mesa e digam um a outro: calculemos”. Louis Couturat, grande matemático e editor de Leibniz, preconiza um *ersatz* linguístico, o esperanto, fundado no estabelecimento de “raízes” etimológicas e sonoras comuns, cujos traços se encontram até mesmo no Lalande. Seja qual for o tipo de linguagem escolhida, língua natural a aperfeiçoar ou língua artificial – eventualmente matemática – a fabricar, trata-se sempre de interditar a homonímia (dissipando-a ou prevenindo-a); dito de outra maneira, trata-se de reconduzir a palavra ao conceito, o conceito ao ente ou ideia, e o conjunto palavra-conceito-ente

a uma relação unívoca. Uma palavra não significará várias coisas, mesmo que possa evidentemente referir-se a, designar, muitos itens legitimamente subsumíveis à palavra; da mesma forma, uma frase terá um único sentido e corresponderá a um único estado de coisas. A distinção freguiana entre *Sinn* e *Bedeutung* inscreve-se a esse nível na sequência lógica do movimento.

O interdito da homonímia, apoiado desse modo no princípio dos princípios, é o equivalente na esfera da linguagem à proibição do incesto.

Refletindo sobre essa história, poderemos, por exemplo, propor uma comparação mais precisa entre a operação que Aristóteles conduz sobre o verbo *einai* (“ser”) por meio da distinção dos sentidos do ser (“o ser se diz de várias maneiras”) e das categorias, e a série de definições propostas pelo Wordnet para *to be*. O problema é passar da palavra ao conceito, depois de descontextualizar absolutamente o conceito. Não é seguro que a comparação – em particular no que concerne às hierarquizações dos sentidos – seja favorável ao WordNet. Senão, vejamos.

Minhas primeiras observações serão tão fáceis quanto injustas. Elas consistem em definir os serviços do WordNet em francês; no francês que utiliza Systran e WordNet cedido pelo Google: *traduire cette page*. “WordNet é um serviço linguístico completo para empresas que oferecem a tradução, a área de trabalho, publicação / typesetting, interpretação e edição. [...] A entrega de seu produto final pode ser combinada em seu local de origem ou no exterior”.

Passemos antes às coisas sérias: “*The verb ‘be’ has 13 senses in WordNet*”. Ei-los:

210

- 1. S: (v) be (have the quality of being; (copula, used with an adjective or a predicate noun)) “*John is rich*”; “*This is not a good answer*”
- 2. S: (v) be (be identical to; be someone or something) “*The president of the company is John Smith*”; “*This is my house*”
- 3. S: (v) be (occupy a certain position or area; be somewhere) “*Where is my umbrella?*” “*The toolshed is in the back*”; “*What is behind this behavior?*”
- 4. S: (v) be (have an existence, be extant) “*Is there a God?*”
- 5. S: (v) be (happen, occur, take place) “*I lost my wallet; this was during the visit to my parents’ house*”; “*There were two hundred people at his funeral*”; “*There was a lot of noise in the kitchen*”
- 6. S: (v) be (be identical or equivalent to) “*One dollar equals 1,000 rubles these days!*”
- 7. S: (v) be (form or compose) “*This money is my only income*”; “*The stone wall was the backdrop for the performance*”; “*These constitute my entire belonging*”; “*The children made up the chorus*”; “*This sum represents my entire income for a year*”; “*These few men comprise his entire army*”
- 8. S: (v) be (work in a specific place, with a specific subject, or in a specific function) “*He is a herpetologist*”; “*She is our resident philosopher*”

- 9. S: (v) be (represent, as of a character on stage) “*Derek Jacobi was Hamlet*”
- 10. S: (v) be (spend or use time) “*I may be an hour*”
- 11. S: (v) be (have life, be alive) “*Our great leader is no more*”; “*My grandfather lived until the end of war*”
- 12. S: (v) be (to remain unmolested, undisturbed, or uninterrupted -- used only in infinitive form) “*let her be*”
- 13. S: (v) be (be priced at) “*These shoes cost \$100*”¹⁰

Podemos evidentemente prosseguir pedindo para visualizar as *Synset relations* (laços semânticos) marcadas por S, sob as quais encontramos os *direct troponyms** e *full troponyms*, de um lado, e as *sentence frames*, de outro. Vamos encontrar por exemplo *look* (ter certa aparência ou expressão facial) entre os tropônimos diretos do primeiro sentido, e na *sentence frame* em *Something is----ing* (com a menção PP para indicar que a variável é um particípio) na forma de frases.

Mas vamos nos deter nos 13 sentidos.

1. cópula 2. identidade 3. lugar 4. existência 5. tempo / lugar / existência, alguma coisa como ‘contingência’, talvez? 6. Igualdade / identidade / definição, algo como ‘equivalência’, talvez? 7. constituição / inerência / composição, algo da ordem do próprio, talvez? 8. implicação: alguma coisa como a definição de indivíduo, talvez? 9. personificar, encarnar, parece dizer-se somente da relação entre o ator e seu personagem 10. durar 11. viver 12. permanecer, restar 13. custar.

Na certa apresentei-os mal, às vezes por substantivos, às vezes por verbos; mas, como fazer? Alguns sentidos se recobrem (o lugar é um componente que retorna várias vezes); alguns são muito amplos e outros pontuais demais (o ator do item 9) ou muito idiomáticos (10: *I may be an hour*); outros, ainda, parecem faltar, por exemplo, o “é” assertivo ou veritativo para o qual se tem, entretanto, o costume de remeter ao “*isn’t it?*”. É difícil não pensar que Kant teria certa vez vociferado contra a rapsódia.

De fato, a lista aristotélica não pode mais nos servir de horizonte de comparação. O capítulo 7 da *Metafísica Delta*, que precede o *Gamma 2* e o capítulo 4 das *Categorias*, nos dão a vulgata desse *pollakhôs legomenon* para o qual se inventa uma caracterização da multiplicidade de sentidos que recusa, muito precisamente, cair sob a homonímia. O ser se diz segundo o acidente, segundo o verdadeiro, segundo os gêneros das categorias, segundo a potência

10 <http://wordnetweb.princeton.edu/perl/webwn?s=be&sub=Search+WordNet&o2=&o0=1&o8=1&o1=1&o7=&o5=&o9=&o6=&o3=&o4=&h=00>

* Em português, “tropônimo” não está dicionarizado (nos grandes e tradicionais dicionários); só é encontrado na WordNet.Br e em trabalhos que tratam de relações semânticas em ontologias no campo da Ciência da Informação. As relações de troponímia são definidas como relações entre verbos, como “modos de” realizar uma atividade.

do ato. Não me arriscarei aqui a uma enumeração de problemas. Mas creio que concordaremos sem dificuldade que, por um lado, a lista de sentidos controla uma sistematicidade de outro modo fundamental e, por outro lado, sob o sentido predicativo, a lista de questões categoriais, mesmo se trabalhada em uma língua – e como não o seria?¹¹ –, constituem uma rede *pros hen* menos rapsódica e mais potente que a do WordNet. Essência, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, ter, agir, sofrer: um velho hábito do relato fenomenológico, transformado em redação na escolaridade das crianças, se satisfaz com a descrição de um cavalo de três côvados muito garboso todo branco pertencente a Martin na praça do mercado nesse exato momento escoiceando todo paramentado relinchando picado por uma mutuca...

Não importa, de Aristóteles ao WordNet: desambiguar para falar é a palavra de ordem comum.

O ponto de partida do *Dicionário dos intraduzíveis* é inverso: explorar a pluralidade em vez de visar a unidade. A pluralidade entre as línguas: repensar a dita sinonímia. E a pluralidade interna a uma língua: repensar a dita homonímia. A comparação requer não um *tertium quid* comum (uma linguagem conceitual, *globish-technish*), mas um espaço ou uma geometria comum, uma tópica, uma topologia, permitindo mostrar em que as redes terminológicas são, e em que elas não são, passíveis de superposição de uma língua a outra, e mesmo de uma obra a outra no seio de uma mesma língua (época, gênero, autor, estilo); em que, de maneira análoga, as sintaxes são, e em que não são, passíveis de superposição.

Podemos tentar modalizar esse espaço comum e representar as diferenças no interior desse espaço? A reavaliação da homonímia é, sem dúvida, a chave. Levo muito a sério a frase de Lacan em *L'Étourdit*: “Uma língua, entre outras, é tão somente a integral dos equívocos que sua história nela deixou subsistir”¹², e escolho escutar não somente as “lalínguas” do inconsciente, mas as línguas em geral, todas as línguas, as “laslínguas”*. Deixemos de lado os homófonos *vair / verre / vert / ver / vers*, qualquer que seja seu preço para o significante, que nos recusaremos a confundir, como se faz hoje frequentemente, com os homônimos. O recenseamento dos equívocos deve constituir, como para a *semantic web*, um ponto de passagem obrigatório. Mas a maneira de tratá-los difere consideravelmente: certo número deles (um número muito grande deles¹³), a cada vez diferentes segundo a língua considerada, são constitutivos de uma

11 Quanto a esse ponto, ver, por exemplo, minha discussão do artigo de Benveniste “Catégories de pensée et catégories de langue”, via Heidegger e Derrida, em *Parménide, Sur la nature ou sur l'étant. La langue de l'être?*, 1998, p. 23-29.

12 *Scilicet* 4, Le Seuil, 1973, p. 47.

13 “Manga” de uma blusa e “manga” fruta, provenientes de uma etimologia radicalmente distinta (latim/malaiala), são homonímias puramente acidentais, diferentes de todas aquelas propostas por Aristóteles, mas não as encontramos tão facilmente, e é por isso que a homofonia tem funcionado como substituta.

(Tradução modificada para refazer as homonímias acidentais do exemplo em francês. Em português, “rame (de papier)” é “resma”, e “rame (de navire)” é “remo”.)

* No francês, *lalangues* e *leslangues*.

língua, não são acidentais e evoluem diacronicamente; enfim, são visíveis sobretudo do exterior dessa língua. Tomemos o francês *sens*. Ele é frequentemente objeto de várias entradas de dicionário: *sens-sensation*, *sens-signification*, e às vezes *sens-direction*. Quando refletimos como uma helenista, não há zona de recobrimento entre a família estética (*aisthaneisthai*, sentir, perceber, dar-se conta) e a família semântica (*sêmeinein*, fazer sinal, significar, querer dizer), e podemos crer em uma homonímia acidental, portanto intratável, do francês. Mas, a partir do momento em que passamos pela tradução do grego para o latim dos Padres da Igreja, tudo se esclarece de outro modo. A unidade dos sentidos de *sens* se faz sob a égide de *sensus*, que recupera, em particular nas traduções da Bíblia, o vocábulo grego *nous*; *nous* designa em primeiro lugar o faro (o cão de Ulisses, Argos, tendo farejado seu dono, morre de alegria em seu leito de estrume), depois, a “intuição”, o “espírito”, o “intelecto”, e, em harmonia com *sensus*, a articulação entre o homem e o mundo, a “significação”, e até o sentido da letra. É a passagem do grego ao latim que faz compreender como a homonímia aparente tem a força de um fluxo semântico. A escolha dos sintomas que são os intraduzíveis diz respeito precisamente a essa atenção aos homônimos, e só os percebemos em uma língua do ponto de vista ou a partir de outra língua. *Pravda*, que costumamos traduzir por “verdade”, significa em primeiro lugar “justiça” (é a tradução consagrada do *dikaiousunê* grego), e é, portanto, um homônimo, visto do francês; nossa *vérité*, ao contrário, é um homônimo do ponto de vista do eslavo, porque o termo comprime *pravda*, que diz respeito à justiça, e *istina*, que remete ao ser e à exatidão. Não se trata evidentemente de termos isolados, mas de redes: o que o alemão designa por *Geist* será tanto *Mind* quanto *Spirit*, e a *Phänomenologie des Geistes* será tanto *of the Spirit*, quanto *of the Mind*, fazendo de Hegel um religioso espiritualista ou o ancestral da filosofia do espírito; e isso vale para a sintaxe e para a gramática, a ossatura das línguas, senão pela via da própria semântica, por exemplo a do duplo espanhol *ser/estar*, que torna nosso “être” ainda mais equívoco e o WordNet anglo-espanhol ainda mais incômodo. É preciso ao menos duas línguas para perceber os equívocos da sua, logo, para saber que se fala uma, ou ainda: traduzir será a melhor aprendizagem dos “fundamentais”.

As suposições epistemológicas mudaram: não se trata mais de conceitos, mas de palavras, quer dizer, de palavras em línguas, e sem dúvida de palavras fortemente contextualizadas, tomadas em obras e textos. Resta saber como tratar. Como, defrontando-se com a homonímia como essência da singularidade das línguas, encontrar um novo modelo capaz de fazer passar de uma nuvem de homônimos a uma nuvem de homônimos...

Ora, é precisamente nessa direção que evoluem mais recentemente as modelizações da tradução assistida, baseando-se na capacidade dos computadores de tratar um número infinito de contextos. E os progressos são consideráveis! Quando escrevia *Google-moi* (2007), fiz uma experiência que relato nessa obra e que não posso mais refazer hoje. Na verdade, fico muito feliz por *não poder* mais refazê-la: se entro com a frase da Bíblia *Et Dieu créa l'homme à son image* no *Google translate*, em

francês, em inglês, em alemão, a tradução que obtenho em francês, em inglês, em alemão, é boa, coerente, consequente. Não há mais motivo para rir da inacreditável verdade que ela então produzia, no final de duas transformações do francês para o alemão e do alemão para o francês – *Et l’homme créa Dieu à son image*¹⁴... Ao mesmo tempo que a tradução da semântica, a tradução da sintaxe e a da ordem das palavras fizeram imensos progressos. A razão é que a técnica – ou melhor, a própria ideia que preside a tradução assistida – mudou completamente. Não se passa mais, como no primeiro Systran, de uma língua a outra pela via de uma língua pivô, o inglês, tão mal desambiguizada, mas se vai diretamente de uma nuvem de palavras, em contexto em uma língua, para uma nuvem de palavras em contexto em outra língua.

É precisamente dessas nuvens que nos ocupamos no *Dictionnaire des intraduisibles*; são elas que desejei ter na capa da obra francesa, em homenagem a Humboldt, que delineia, a meu ver, o lugar e o próprio projeto de nosso *Dictionnaire*: uma “obra das mais fascinantes” que estudaria – ele escrevia – a “sinonímia das línguas”.

Com essa evolução recente do próprio dispositivo da tradução assistida por computador, a quantidade de contextos é sempre necessária para a qualidade do que é posto em relação, mas dessa vez a qualidade é, realmente e sem ironia, uma propriedade emergente da quantidade. Pois para o tradutor automático assim concebido, como para o clínico do *Dictionnaire des intraduisibles*, só existe o caso.

Podemos sem dúvida usar o termo “sinonímia” para descrever a relação das línguas entre elas, mas seu uso não é mais platônico-aristotélico. Em suma, basta ler a sequência da passagem de Humboldt para compreendê-lo. Na medida em que ele parte da pluralidade das línguas como fato incontornável¹⁵, então, não há mais língua pivô que se sustente, nem forma de linguagem capaz de sinonimizar, nem conceitos universais independentes das palavras e anteriores a elas. Vejamos essa sequência: “Uma palavra é tão pouco o signo de um conceito que o conceito não pode nascer sem ela, menos ainda se fixar; a ação indeterminada da força de pensamento se condensa em uma palavra como leves nuvens aparecem em um límpido céu. Ela é então um ser individual, com um caráter e uma figura determinados, com uma força que age sobre o espírito e capaz de se transplantar”.

Assim, parece que o que Humboldt chamou de “sinonímia” e de “sinonímico” é precisamente o que Hannah Arendt nomeia “equivocidade” em seu *Journal de pensée*. E penso que ela tem toda razão em fazê-lo. Porque a sinonímia assim entendida é uma homonímia não acidental. E a homonímia é o que nos permite falar em línguas.

14 *Google-moi. La deuxième mission de l’Amérique*, 2007, p. 234-239. Aqui está a série de transformações obtidas, estabilizada na segunda tradução: 1. “Et Dieu créa l’homme à son image”/2 “Und Gott schuf den Menschen an seinem Bild”/ 3 “Et a créé un dieu l’homme à son image”/ 4. “Und einen Gott hat der Mensch an seinem Bild geschaffen”/ 5. Et l’homme a son image a créé un dieu”/ 6. “Und der Mensch an seinem Bild hat einen Gott geschaffen”/ 7. “Et l’homme a son image a créé un dieu”.

15 “A linguagem se manifesta na realidade unicamente como multiplicidade”, W. von Humboldt, *Über die Verschiedenheiten...*, in *Gesammelte Schriften*, ed. A. Leitzmann et al., Berlin, Behr, vol.VI, p. 240.

Pluralidade de línguas: se houvesse uma única língua estaríamos talvez mais assegurados da essência das coisas.

O que é determinante é o fato de que 1) há várias línguas e elas se distinguem não somente por seu vocabulário, mas igualmente por sua gramática, ou seja, essencialmente por suas maneiras de pensar, e 2) todas as línguas podem ser aprendidas.

Dado que o objeto, que está ali para sustentar a apresentação das coisas, pode chamar-se tanto ‘Tisch’ quanto ‘table’, isso indica que alguma coisa da verdadeira essência das coisas que fabricamos e que nomeamos nos escapa. [...] No seio de uma comunidade humana homogênea, a essência da mesa é indicada sem equívoco pela palavra ‘table’, e, no entanto, desde que chegue às fronteiras da comunidade, ele vacila.

Essa equivocidade oscilante do mundo e a insegurança do homem que o habita naturalmente não existiriam se não fosse possível aprender as línguas estrangeiras [...]. Devido ao absurdo da língua universal – contra a ‘condição humana’, a uniformização artificial e toda a potência da equivocidade.¹⁶

Trapeza é também um banco em grego moderno; a *mesa* é, também, uma chapada em Castela ou nos Andes. Pode-se dizer que o significante retorna na aura semântica ou no modo de visar – como em *Brot* e *pain* segundo Benjamin. *Tisch*, “der Gegenstand, der für das tragende Präsentieren von Dingen da ist”, se revelaria em Arendt de maneira penosamente aprendida, mais feno-escolástica! Mas ao praticá-la no incessante plurilíngue do *Journal* que ela escreve para se acompanhar, suspeita-se que as línguas são homônimas entre elas porque, de saída, a língua materna é homônima a ela mesma. Não somente suas homonímias singulares fazem dela a língua significante por excelência: “há uma diferença incrível entre a língua materna e outra língua qualquer. Para mim, essa divergência se resume de modo muito simples: sei de cor em alemão um bom número de poemas alemães; de algum modo, eles estão presentes no mais profundo de minha memória, *in the back of my mind*”. Mas ela, e sem dúvida somente ela, pode ser de uma inquietante estranheza que às vezes experimentamos — “Eu me dizia: o que fazer? Não foi a língua alemã que enlouqueceu!”¹⁷

Da inquietante estranheza à equivocidade oscilante: que a essência vacile.

16 Arendt Hannah, 2005, p. 56-57.

17 Entrevista com Günther Gauss, 1985, p. 30.

Referências

ARENDT, H. *Journal de pensée*, Cahier II, Nov. 1950. Tradução para o francês de Sylvie Courtine-Denamy. Paris: Seuil, “L’ordre philosophique”, 2005, p. 56-57.

ARISTÓTELES, *De la génération des animaux*. Texto estabelecido e traduzido por Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 1961-2002.

_____. *Les Réfutations sophistiques*. Introdução, tradução e comentários de Louis-André Dorion. Paris: Vrin, 1995.

BENVENISTE, É. “Catégories de pensée et catégories de langue”. In: *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.

CASSIN, B.; NARCY, M. *La Décision du sens. Le livre Gamma de la Métaphysique d’Aristote*. Introdução, tradução e comentários de Barbara Cassin e Michel Narcy. Paris: Vrin, 1998.

CASSIN, B. (org.). *Vocabulaire européen des philosophies. Dictionnaire des intraduisibles*. Paris: Seuil-Le Robert, 2004.

_____. *L’Effet sophistique*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *O Efeito Sofístico*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *Google-moi. La deuxième mission de l’Amérique*. Paris: Albin Michel, 2007.

GAUSS, G.; ARENDT, H. [1964] Seule demeure la langue maternelle. Tradução para o francês de Sylvie Courtine-Denamy. *Esprit*, n° 6, “Hanna Arendt”, jun. 1985, p. 19-38.

LACAN, J. L’Etourdit, *Scilicet* 4, 1973.

PARMÉNIDE. *Sur la nature ou sur l’étant. La langue de l’être?* Apresentação, tradução e comentários de Barbara Cassin. Paris: Seuil, Points-Bilingues, 1998.

RASTIER, François. Ontologie(s). *RSTI-RIA Informatique et terminologies*, v. 18, n. 1, 2004. Disponível em http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_Ontologies.html

VON HUMBOLDT, Wilhem. *Sur le caractère national des langues, et autres écrits sur le langage*. Apresentação e tradução de D. Thouard. Paris: Seuil, Points-Bilingues. Coleção “Inédits. Essais”, organização de Barbara Cassin e Alain Badiou, 2000.

_____. *Über die Verschiedenheiten...*, in A. Leitzmann et al. (Ed.), *Gesammelte Schriften*. Berlim: Behr, vol.VI.

Submetido em: 11/11/2016

Aceito em: 22/12/2016